



# Capítulo 3

## O Estado moderno, a análise econômica e o mercantilismo



- 1ª. advertência: termo cunhado posteriormente, fisiocratas, escola clássica e escola histórica alemã que o cunharam para designar as ideias e práticas econômicas dos estados absolutistas europeus no período de transição do feudalismo ao capitalismo XVI-XVIII
- Dobb – política econômica da era da acumulação primitiva (acumulação prévia de Smith)
- Falcon - foi a política econômica dos estados modernos europeus às voltas com a expansão comercial e o colonialismo – adesão a versão de Dobb.
- Weber – transferência do interesse de lucro capitalista para a política, com a finalidade de fortalecer o poderio do Estado em relação aos demais estados. Implica a constituição de potências na forma moderna (incremento do erário público e indiretamente, através da capacidade tributária da população).



- 2ª. advertência: **não constitui doutrina ou sistema**, mas conforme assevera Shumpeter, são ideias assistemáticas e pouco rigorosas se as tomarmos com perspectiva científica, mas são válidas.
- **Pragmatismo** – buscam responder de forma **racional** (princípios e cálculos) a problemas político-econômicos envolvendo **Estado e empresa mercantil** → conjugação de interesses da burguesia em ascensão e o Estado absolutista, coletor e distribuidor (maiores empreendedores do século, na versão de Braudel)
- Assim, conceito de mercantilismo: expressa a conexão profunda entre o econômico e o político → ideias e práticas → viabilizar o poder do Estado (Fiori)



### **3.1 Formação do Estado moderno e o intervencionismo**

- Crise do feudalismo e do poder da nobreza e reunificação do **Estado moderno**: convergência de esferas de poder para a figura de um **monarca**, expressão da unidade do **reino**:
- **força militar permanente – tropas mercenárias: ordem e defesa dos domínios**
- **sistema centralizado de arrecadação;**
- **Burocracia (arrecadação, fiscalização)**



### **3.2 O mercantilismo: principais formuladores, aspectos gerais da doutrina e da ação, suas modalidades**

- Ruína dos valores inspirados na moralidade cristã sobre a vida econômica X fortalecimento de uma nova forma de poder, o **Estado moderno**.
- Conceito de riqueza **metalista** ou **bulionista**: o poder do Estado era função direta da riqueza do reino, cuja grandeza se definia pelo acúmulo de **metais preciosos**. (relação com o Estado Moderno?)
- Implicava na potencialização das **hostilidades e dos conflitos** comerciais entre os Estados emergentes.



- Um dos precursores da **formulação metalista**, **Claude de Seyssel**, em *La grande monarchie de France*, de 1515, afirmava que o “poder do país **depende das reservas de ouro e prata**”.
- Na Espanha (**Revolução dos preços**) **Luís Ortiz**, na obra *Para que a moeda não saia do reino*, de 1558, defendia um conjunto de medidas visando garantir o acúmulo de metais preciosos.
- **Malestroit: questão da fidúcia, confiança** “a moeda de conta – a libra – representa em 1556 menor **conteúdo de prata** que no século XV [...]. Embora se pague mais em libras, na realidade não se dá mais ouro ou prata que antigamente”.



- **Tomás Mercado (1569):** elevação de preços se devia à **abundância de ouro, a escassez de mercadorias**
- **Jean Bodin**, respondendo a **Malestrois (1568)**, relaciona o aumento dos preços, em primeiro lugar, à **abundância de ouro e prata**, e, secundariamente, à **prática do monopólio, à escassez no mercado interno e ao consumo de luxo da aristocracia feudal.**
- Essa análise constitui uma explicação rudimentar de uma **análise quantitativa da moeda.**



- Na Inglaterra, o principal defensor do **metalismo** foi **Gerald Malynes**, (*Consuetudo*, de 1636):
  - Cabia ao **Estado intervir ativamente**, estabelecendo **regras e regulamentos** visando coletivizar as vantagens decorrentes das relações comerciais;
  - As moedas deveriam ser **trocadas** obedecendo a uma **paridade monetária entre as nações** → equilíbrio e não havia alteração no fluxo de metais entre os países.
  - Se a moeda de um país era adulterada e se desvalorizava, aumentava o fluxo de metais preciosos para o estrangeiro.

## Capítulo 3

### O Estado moderno, a análise econômica e o mercantilismo



- Como garantir a riqueza do Estado e impedir a saída dos metais?
- Na França, Laffemas defendeu de uma política de apoio à criação de manufaturas e de estímulo ao comércio.
- As obras de Montchrétien e de la Gomberdière formaram a base “doutrinária” executada por Richelieu e Colbert.
  - comércio como outra modalidade de guerra, na qual o progresso de uma nação implicava necessariamente em prejuízo para as demais;
  - criar companhias de comércio e manufaturas e desenvolver a Marinha;
  - praticou um intervencionismo em larga escala, visando assegurar a qualidade dos produtos feitos na França, destinados principalmente ao mercado estrangeiro (**luxo**)



- **Inglaterra, Edward Misselden** (*The cycle of commerce*, de 1623):
  - Relaciona oferta e demanda de moeda a taxa de juros:
  - A única maneira de aumentar o volume de metais e, ao mesmo tempo, manter os juros baixos é por meio da **balança comercial**.
  - Portanto: necessidade de manter os juros baixos e a valorização da população como fator da força econômica de um país.
- Essa percepção já havia surgido alguns anos antes na análise de **Antonio Serra**, (*Breve tratado*, 1613).
  - Importância das **manufaturas** como principal meio de promover a acumulação de metais preciosos no país.

## Capítulo 3

### O Estado moderno, a análise econômica e o mercantilismo



- **Thomas Mun** na sua obra *England's treasure by foreing trade*: gerenciar a **balança comercial**:
  - A parcela de metais que cabia a um país dependia dos ganhos obtinha no mercado internacional por meio da balança comercial.
  - Esses ganhos poderiam ser ampliados com maior **produção**: portanto se opunha ao entesouramento e defendia a contínua **reversão** dos ganhos obtidos na balança comercial na ampliação do comércio.
  - Essa tática trazia a vantagem tripla: **manter os preços baixos**, garantir boa oferta de moedas (**juros baixos**) e os benefícios inerentes de uma participação **crescente no mercado internacional**.



- **Nicholas Barbon** (*A Discourse of trade*, de 1690), enfrentou o problema do valor.
  - O **lucro derivava do preço** que **variava em função da oferta e da procura**; dessa forma, o **lucro** estava intimamente relacionado às **condições do mercado**, e não da produção.
  - Assim, o preço de mercado “**valor atual**” varia em virtude da oferta e da procura, mas admitia que o **valor da mercadoria se distingue do preço**.



- **3ª. Fase:** intervencionismo desloca o foco da balança comercial para o **setor manufatureiro**.
- **Charles D'Avenant** (com seu *Discourse on the public revenues*, 1698), precursor:
  - Formulou a ideia de que o **ouro e a prata** são a medida do comércio, mas que **a fonte dos produtos** que o alimentam são as **manufaturas e a agricultura**.
  - Sua **defesa do livre-comércio** como melhor meio para estimular o desenvolvimento do setor manufatureiro e da nação

## Capítulo 3

### O Estado moderno, a análise econômica e o mercantilismo



- **Alemanha e na Áustria** surgiu uma variante do mercantilismo conhecida como **Cameralismo**:
  - Um **Estado forte**, capaz de **estimular e apoiar a produção interna** e se impor aos Estados vizinhos, **dependia de fontes inesgotáveis de receitas**, e estas, por suas vez, eram função da **prosperidade dos negócios exercidos pelos súditos**.
  - **Wilhelm von Schröder** (*Fürstliche Schatzund rentkammer*, de 1686), afirmava: “Portanto, a primeira coisa que um soberano deve fazer, se quiser obter algo de seus súditos, é ajudá-los a exercer atividades suficientemente lucrativas”.
  - abordagem em que os problemas econômicos encontram-se integrados à **política** e são **inseparáveis da orientação/ação do Estado**.



### 3.3 Mercantilismo e colonização

- Convencionou-se denominar o conjunto de relações de dominação político-econômica entre as metrópoles e suas respectivas colônias de **sistema colonial**.
- **colônia desempenhava o papel de complementar a economia metropolitana.**
- As relações econômicas tendiam ao “**exclusivo metropolitano**”, isto é, ao **monopólio** exercido pela metrópole no comércio com a colônia.
- O sistema contribuía para incrementar o poder e o intervencionismo estatal, integrando-se plenamente aos objetivos estratégicos da política mercantilista: **entesouramento, balança comercial.**



### 3.4 Os impasses da doutrina

- Nos países em que a **acumulação** se acelerou (**Inglaterra** nos séculos XVII e XVIII), evidencia-se a **contradição** entre o **metalismo** e os princípios e objetivos gerais da política e da prática mercantilistas:
- O acúmulo de metais numa determinada nação tendia a elevar os preços internos, tornando os produtos nacionais mais caros. Com isso, iniciava-se um movimento de aumento das importações e de queda das exportações, prejudicando a prosperidade da nação e, conseqüentemente, o poder do Estado.



### 3.5 A produção como origem da riqueza

- À medida que se afirmava a **vitalidade dos setores produtivos** como base da prosperidade dos negócios públicos e privados, evidenciava-se o equívoco da antiga visão elaborada pelos mercantilistas.
- Se a formação da riqueza está associada à produção, é necessário compreender **como se compõe o valor** no processo produtivo.
- A primeira abordagem consistente do problema foi formulada por **William Petty**.



### 3.6 As idéias de William Petty (*A treatise of taxes and contributions*, 1662).

- **Petty** defendia que a arrecadação de impostos é fundamental para que o Estado cumpra as suas funções.
- Análise do valor das mercadorias:
  - **preço político** - função da oferta e da procura
  - **preço natural** - expressão monetária do tempo de trabalho necessário para produzir a mercadoria
- O valor criado por uma jornada de trabalho é constituído de duas partes: **remuneração do trabalhador** e **excedente**, o trabalho não pago,
- O produto excedente constitui a renda: **renda da terra** (valor da colheita – custos) e o **juro** (rendimento do capital).



### 3.7 Avaliação crítica do mercantilismo

- Os **fisiocratas** atacaram o intervencionismo, pois, segundo eles:
  - o Estado não conseguia sequer assegurar a ordem jurídica;
  - prejudicava a índole empreendedora num emaranhado de regulamentos;
  - preservava as corporações que restringiam a oferta de mão-de-obra; e
  - mantinha monopólios que elevavam os preços.



- **Smith:**

- denunciava o mercantilismo como o principal responsável pelas hostilidades e guerras entre as nações;
- atribuía ao “sistema mercantil” uma visão de progresso orientada mais pela via da ruína dos concorrentes do que pelo aperfeiçoamento da produção nacional; e
- considerava a sua preservação um sacrifício ao consumidor nacional.

- **Marshall**, economista inglês do século XIX:

- Assinala que os mercantilistas devem ser considerados “confusos por falta de uma idéia clara das funções da moeda”.



- **E. F. Heckscher**, na obra *O mercantilismo*, de 1931:
  - Defendeu que o esforço mercantilista foi um “sistema de poder” centrado no objetivo da unificação nacional numa fase marcada por todo tipo de particularismos;
  - Reafirmou a “fragilidade” e as confusões teóricas da “escola”.
- **Keynes**, em *Teoria geral*, destacou:
  - Uma visão correta da relação entre baixas taxas de juros e desenvolvimento da riqueza da nação;
  - A concorrência exagerada era prejudicial às trocas; ela era necessária, mas devia respeitar certos limites;
  - As relações entre baixo consumo, escassez monetária e desemprego;
  - “os mercantilistas não tinham nenhuma ilusão a respeito do caráter nacionalista de sua política e de sua tendência a promover a guerra”.



DOBB, M. **Evolução do Capitalismo**. 9<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FALCON, F. **Mercantilismo e Transição**. 7<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FIORI, J. Prefácio ao Poder Global. **Revista Tempo do Mundo**, vol 2, no. 1, abr/2010.

HUGON, P. **História das Doutrinas Econômicas**. 11<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Atlas, 1970.

OLIVEIRA e GENARI. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

WEBER, M. **História geral da Economia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.

